JULIANA BALSALOBRE (DRA. BIFI) E MARINA QUINAN (DRA. QUINAN)*

Palhaças e curumins

"**Para onde** você está indo?"

"Para lá."

"E o que é que tem lá?"

"Não sei. Ainda não cheguei."

"Então, como é que você sabe que você quer ir pra lá?"

"Ora, porque todo mundo quer chegar lá... dizem que é lá que nascem as palavras. Eu gostaria de saber como nascem as palavras..."

Nos últimos três meses estivemos nas seis aldeias indígenas dos Katukina, no Acre, e, já no Amazonas, em Céu do Mapiá, Iranduba, N. Sra. Aparecida, Serra Baixa, Paricatuba, São Gabriel da Cachoeira, Camanaus e Taracuá.

Com os Katukina uma experiência nova ficou suspensa. São um povo que mantém a antiga tradição do rapé, da pajelança, do kambô, do mariri e das brincadeiras coletivas, mesmo depois que aldearam para a beira da BR-364, onde moram até hoje. As mulheres e crianças não falam o português (com algumas exceções), e sim a própria língua (Pano). Logo de início nos fizeram a sincera pergunta:

"Mas essa brincadeira de palhaço de vocês, significa o quê?"

Até poderíamos tatear uma resposta, mas, para aquela cultura katukina, as palavras nos fugiram. Preferimos partir para a ação, quem sabe encontraríamos a resposta?

Interviemos no dia-a-dia comum, experimentando de um jeito, de outro, com músicas, sem palavras... um corpo torto que virou bicho foi riso certo... as crianças, curiosas, ficavam perto, achavam graça do nosso jeito. Os adultos eram mais reticentes. Alguns se pintaram de palhaço para brincar junto, outros ficaram de canto, olhando de longe sem muito entender. Outros ainda nos acompanharam de aldeia em aldeia durante os 23 dias que estivemos com eles.

O riso veio de coisas pequenas, simples, de escorregões, de imitar os outros, da tentativa de cantar o Canarô na língua deles, de vestir a roupa que secava no varal, de esconder para encontrar. Quiseram nos ensinar suas brincadeiras, para brincar junto.

Existe o presente no viver dos índios. Comem quando conseguem o peixe ou a caça, sem horário de almoço e jantar. O fogo fica sempre aceso. Um cuida do outro e tudo é de todos. Não guardam nada para o amanhã.

Na madrugada dormíamos nas redes em frente à casa de Rirá e ouvimos vozes e clarão de lanterna. Da canoa no rio chegaram dois meninos com peixes, acordaram Dona Wa'ô para limpá-los. Ela pegou duas brasas do fogo que continuava aceso desde ontem e começou a assoprar. As pessoas foram acordando, as mães traziam seus filhos. Em pouco tempo, a maioria das famílias estava sentada em volta do peixe moqueado. Comeram e dormiram de novo, satisfeitos.

NA AMAZÔNIA, OS ÍNDIOS DESCOBREM OS PALHAÇOS

Não sei se encontramos resposta para a pergunta inaugural, mas ali buscamos falar a não-palavra. E isso, de alguma forma, mudou nosso jeito. Soubemos também que nossas brincadeiras se cruzaram. Cocar e Cabaça, silêncios que por vezes não se entendem, mas se estendem.

E assim seguimos... mas para onde agora?

Não pode ter pressa para chegar. O deslocamento depende das águas e aqui elas são tantas, muitas, imensas. Tempo é preciso para navegar e também para chegar ao novo lugar. Tempo de pedir licença para entrar na casa dos outros, para a confiança mútua. Tempo de pedir permissão para registrar em imagens o encontro com as palhaças, para que outras pessoas possam ver, acompanhar, conhecê-las. As comunidades são assim: algumas famílias morando num mesmo lugar. Sem comércio, sem pousada. Com as casas, o barracão comunitário, a escola, o rio, a mata.

Subimos o rio Negro até São Gabriel da Cachoeira. Foram três dias de viagem, acordando e dormindo sobre as águas escuras e antigas. A cidade chega se mostrando na curva do rio. Ouvimos um homem dizer que curva de rio tem mau agouro.

A população da cidade é 96% indígena. Formada por cinco calhas, assim chamados os rios que desembocam nela (Uaupés, Tiquié, Içana, Xié e Negro). Em cada rio existem diversas etnias que moram misturadas, e isso é assim em toda a Bacia do Rio Negro, cujos troncos lingüísticos são principalmente tukano, arawak e maku. A maioria das etnias fala sua língua, o português e o tukano.

Para chegar em Taracuá, no rio Uaupés, perto da fronteira com a Colômbia, viajamos mais oito horas de voadeira. Conhecemos o capitão (assim chamam o líder comunitário) Sabá. Professor de matemática do ensino médio, já viajou para São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Disse que o mundo da cidade é igual a um mato cheio de onças, você pode morrer a qualquer momento atropelado por um carro ou por bala perdida. Sempre que se referiu ao mundo dos brancos usou a expressão "o mundo envolvente".

Ele disse: "Falam que aqui é o fim do mundo, mas na verdade aqui é o centro do mundo. A linha do Equador passa bem aqui em cima".

Estivemos lá por nove dias. Nesse período, o jogo entre "palhaças e crianças" desenvolveu-se num crescente. Nos primeiros dias só olhavam e nos seguiam acompanhando as histórias com os adultos. Depois de alguns dias em que corremos de passarinhos, descascamos o teto da maloca, apagamos o rio e voamos num jabuti, as crianças começaram a conduzir nossas histórias e trajetos, até que inventaram uma casa mágica e móvel (formada pelos próprios), onde qualquer pedido nosso era realizado. Durante a travessia, Quinan sentiu medo de chegar lá. Uma menina que era mais corajosa quis ir no seu lugar. Virou uma menina-Quinan com gola e cabaça. As crianças perguntaram:

"Qual o aumentativo de casa?"

Bifi: "Zoológico, porque cabem muitos tipos de gentes".

"E o diminutivo?"

Quinan: "É rede, porque lá só caibo eu".

> Os adultos, ressabiados, olhavam ao longe, sem entender os narizes e jogos

Fomos resolver um problema com seu Antônio, antigo morador e benzedor. Bifi havia virado galinha e nada a fazia desvirar. Só ele poderia dar jeito. Quando contamos o caso, ele, que estava sentado, encostado na árvore, entrou em sua casa, colocou uma camisa e, calmamente, repousou a mão sobre a cabeça dela. Muitas pessoas, crianças na maioria, acompanhavam esse instante. Silenciamos.

Quinan (apreensiva): "O senhor acha que ela vai voltar ao normal?"

Com a cabeça ele afirmou que sim. Ele continuou com suas mãos. Esperamos.

Seu Antônio: "Pronto, ela já está boa".

Bifi voltou a ser gente, mas ficou de olhos fechados, não conseguia abri-los. Ele novamente colocou as mãos sobre o rosto dela.

Quinan: "E então?"

Seu Antônio: "Agora acho que ela tá boa".

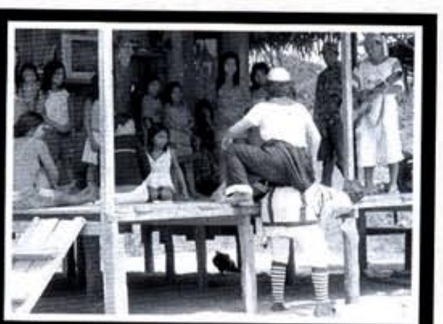
Bifi abriu os olhos. Ele riu, tímido. Agradecemos e seguimos.

Estamos agora sobrevoando tudo isso. Avistamos o rio Negro ficando para trás, imensa Cobra-Grande que trouxe a vida para a gente, como acreditam os Tukano. O rio faz curvas de sinuosas possibilidades. ■

**O projeto Palhaças Amazônia Adentro é uma parceria de Las Cabaças e Doutores da Alegria e pretende deslocar o palhaço do hospital para comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas dos estados do Amazonas, Acre, Pará, Amapá e Maranhão, numa viagem de dez meses. Fazem parte da equipe Frederico Galante e Rodrigo Luz, responsáveis pelo registro das imagens e edição dos vídeos que produzimos mensalmente. www.lascabacas.com.br*

FOTOS: RODRIGO LUZ

MAMBEMBE. Nos últimos três meses, as "doutoras da alegria" passaram por seis aldeias isoladas



Tombos e imitações motivaram gargalhadas e espanto: "Essa brincadeira de vocês significa o quê?"